

## Sinopse:

Robôs controlam as ruas e os empregos no Rio de Janeiro. No topo do mundo, alheio à crise, está Marlon: milionário, mulherengo e astro do futebol europeu. Ele retorna ao Brasil para um megaevento de marketing — enfrentar em campo um androide projetado para a perfeição nos gramados.

Só que o passado cobra o seu preço. Um encontro casual com uma violinista traz à tona tudo o que ele preferia ignorar: a memória do pai grevista e a voz que implora para que ele não entregue o jogo.

Com uma proposta milionária para perder e um fantasma que se recusa a sumir, Marlon vai precisar decidir o que ainda deve aos mortos.

## JOGADOR TRABALHISTA

— Aoooooooo, o campeão voltou! O campeão voltou!

Do alto do trio elétrico, Marlon observava o mar rubro-negro abaixo: vozes roucas, corpos suados e bandeiras rasgando a noite serena.

Ele sorriu.

Os dedos agarraram as alças frias do troféu. As veias do braço saltaram quando o suspendeu — e o rugido da multidão explodiu, fazendo o chão tremer sob seus pés.

— A Libertadores é nossa, porra! — o grito rasgou sua garganta até não restar sopro algum. Um dos companheiros passou o braço pelo pescoço dele, comemorando junto.

Foi então que sentiu um puxão no braço. Um funcionário do clube o encarava com um olhar pesado.

— Seu pai faleceu.

As palavras ecoaram, mas sua mente se recusava a engoli-las.

— ◆ —

Marlon sentiu um sobressalto no corpo. Viu-se dentro de um carro, piscando repetidamente até a mente conseguir se situar no tempo.

*Eu dormi?*

Esboçou um sorriso amargo. No para-brisa, projeções luminosas alertavam sobre a chegada ao destino e o iminente desligamento do piloto automático.

---

— Acordou? — Uma voz feminina o fez virar a cabeça. — Você bebeu muito. Até pegou no sono comigo aqui.

Ao seu lado, no assento do passageiro, havia uma jovem mulher de feições asiáticas acentuadas. O cabelo castanho fluía como uma cascata, emoldurando uma pele que brilhava como porcelana.

Ele levou a mão ao couro cabeludo, torcendo para o desconforto ser da cerveja — não de ter cochilado com uma beldade do lado.

— Foi mal... — Endireitou a postura no banco. — Bianca? Acabei pegando no sono.

— Não tem problema. — Ela sorriu, destravando o cinto enquanto a porta se abria sozinha. — Mas espero que não durma conversando comigo. A noite só começou.

Marlon umedeceu os lábios, o olhar percorrendo a silhueta dela contornada pelo vestido negro. Era magrinha, exatamente como gostava. Em silêncio, agradeceu aos céus pela excelente ideia de ir beber.

— Claro — disse, saindo do carro.

Do lado de fora, um robô já os aguardava na penumbra do estacionamento. Corpo triangular perfeitamente equilibrado sobre uma esfera omnidirecional, postado ali com o único propósito de guiá-los até os elevadores.

— Mora aqui há muito tempo? — indagou ela assim que entraram na cabine metálica.

Marlon vigiou o painel enquanto o elevador selecionava o destino por conta própria; carregava o mau hábito de desconfiar de qualquer engrenagem autônoma.

— Só aluguei enquanto fico aqui no Rio.

Bianca bateu a alça da bolsa entre os dedos e fitou seu próprio reflexo espelho lateral.

— Deve ter pago uma fortuna — comentou, ajeitando alguns fios da franja rala, um sorriso nos cantos da boca. — Ser jogador tem suas vantagens.

— Você trabalha com o quê?

— Adivinha.

Marlon engoliu em seco, o cérebro rodando o mesmo estereótipo de sempre.

— Modelo? — tentou, fitando o reflexo dela.

Bianca negou com um aceno.

---

— Nada a ver. — Soltou uma breve gargalhada. — Sou violinista. Toco na Orquestra Filarmônica. Já foi?

— Nunca.

— Imaginei.

A conversa foi interrompida por um solavanco do elevador. As portas deslizaram. Caminharam pelo corredor até que Marlon parou diante de uma porta de madeira. Bastou aproximar o relógio da fechadura para que o mecanismo cedesse com um clique macio.

O interior era o oposto do corredor: espaçoso, banhado por luz amarela. Um imponente sofá de couro dominava a sala, e numa das paredes — transmutada em tela ultrafina — o Cristo Redentor pairava em projeção tão vívida que enganaria qualquer olho desavisado.

— Vai mesmo enfrentar o T-Fut amanhã? — perguntou Bianca, acomodando-se no sofá sem qualquer cerimônia.

Marlon travou um instante enquanto tirava a jaqueta de couro, a noite abafada arrancando trilhas de suor do rosto.

— Ah, é só um evento. — Riu. — Um contra um. Homem contra máquina.

— Você não pode perder.

— Pode deixar, não vou.

Bianca cruzou as pernas, o tecido de seda fluindo, a face endurecida como mármore.

— Não estou brincando — disse. — Você não pode perder.

Marlon franziu o cenho e girou o corpo na direção dela, a jaqueta jogada de lado.

— Não posso?

— Acha que vim até aqui porque quero dormir com você? — Bianca mal conteve o riso. — Você não entende o perigo da situação.

Marlon calou-se, medindo-a com os olhos enquanto encurtava a distância com passos lentos.

— Você é algum tipo de maluca? — perguntou, os dedos deslizando pelo bigode num gesto ansioso.

— Eu? Só não quero ser substituída por um robô.

---

— Do que está falando?

Bianca bateu a palma da mão no estofado ao lado, impassível.

— Senta. Vai ficar em pé a noite toda? Vamos conversar.

Marlon inspirou fundo e pensou nas consequências de expulsá-la à força; se ela fizesse barulho, já imaginava as manchetes do dia seguinte. Os ombros relaxaram. Ele sentou.

— Eu pareci interessada? — murmurou ela, inclinando o corpo na direção dele com um olhar afiado. — Vocês homens sempre leem a situação como querem.

— O que você quer? Fala logo.

— Vou falar, mas pelo menos oferece uma bebida primeiro, mal-educado. — Ela abanou o rosto com a mão. — Esses dias tá quente, né? Tô com a boca seca.

Marlon cerrou os dentes. Aquela folgidez minava o que restava de sua paciência.

— Menor! — chamou.

— Sim, senhor — uma voz sintética ecoou pelas paredes.

— Traz cervejas pra nós.

Bianca sorriu.

— Pra mim, uma Antarctica bem gelada — acrescentou, franzindo os lábios já imaginando o sabor refrescante descendo pela garganta.

— Fala de uma vez o que quer — exclamou Marlon, os braços cruzados. — Se não vai passar a noite comigo, não tenho interesse.

— Sua fama de mulherengo realmente o precede. — Ela estreitou os olhos. — Muito bem. Serei direta: você precisa vencer amanhã.

— Por que não venceria?

— Não sou idiota. Tá na cara que você fez algum acordo com aquele bilionário. Não consegue ver o problema?

— Não!

Ela bufou, soltando todo o ar de uma vez.

— Presta atenção! — Golpeou o braço do sofá. — Eu não quero perder meu trabalho. Sabe quanto me dediquei? Quantos anos treinei?

Marlon sentiu a irritação subir, os dedos crispando no tecido da manga.

---

— Você acha mesmo que um evento de caridade vai causar isso? — pausou, o olhar a fitando de cima a baixo. — Devia procurar um psicólogo. Tem Ias boas para isso.

Um pequeno robô os interrompeu. Equilibrado sobre uma esfera, o corpo quadrangular carregava as latas nos braços finos.

Bianca foi a primeira a esticar a mão, sentindo um arrepio ao tocar o metal úmido e gelado da lata.

Marlon observou a máquina se retirar em silêncio.

— Paulo Campos... — Ela abriu a sua cerveja com um *pshhh* frio. — Ouvi sobre seu pai no globo esportes. Lutou muito pelo fim dos seis dias de trabalho.

Marlon fitou o chão de cerâmica por um momento, o olhar distante como se enxergasse além.

— Vai embora logo. — Murmurou ele.

— Ele queria que as pessoas descansassem mais. — Bianca deu o primeiro gole, o sabor amargo descendo pela garganta. — No fim, todos foram trocados por pedaços de metal.

— É o natural do mundo.

Ela o encarou, a face contorcida em uma careta agressiva.

— Vi você no bar e aproveitei a chance. Vocês jogadores sempre foram alheios a tudo — continuou. — Mas me perguntei se havia esperança em você. Se tinha algo do seu pai.

Marlon riu, seco. A mão apertou a latinha, ele entornou toda a cerveja de uma vez.

— Ser um homem que nunca foi ao jogo do filho porque vivia enfurnado fazendo baderna? — Riu de novo. — Prefiro ser jogador.

— As vezes temos que fazer sacrifício, assim com fiz vindo aqui com você. — Bianca pausou, organizando o que realmente queria dizer. — Eu só quero trabalhar no que amo, não no que resta.

Ela sustentou o olhar dele sem piscar.

Marlon arremessou a lata amassada contra o canto da sala.

— Baboseira. — disse. — Não estou interessado em proteger seu trabalho dos robôs. Se o público preferir a perfeição de uma máquina, quem sou eu pra reclamar?

---

— Fácil falar quando se tem milhões na conta. — Bianca mal continha a indignação. — Você não tem que se preocupar com aquele infeliz do presidente cortando fundos culturais. Se o povo acreditar que robô faz melhor, você duvida que ele não vai?

Marlon se levantou num ímpeto.

— Você enlouqueceu se acha que um joguinho vai levar a isso.

Bianca se ergueu também, mordendo o lábio.

— É o começo, Marlon. O empurrão pra uma avalanche.

— Já te ouvi demais. — O braço estendido apontou a saída. — Pode ir.

Ela o mediu de cima a baixo com um esgar, a língua passando sutilmente pelos lábios.

— Uma pena — disse, resgatando a bolsa do estofado. — Já devia imaginar que um mulherengo não teria nada de útil.

— Vai logo!

Bianca caminhou, mas parou antes de cruzar o limiar.

— Pensa no seu pai. Por que ele lutou tanto. — Uma última encarada. — Amanhã, muita gente como ele vai estar torcendo por você.

A porta se fechou. Marlon finalmente soltou o ar.



Marlon permanecia imóvel no centro da quadra de futsal enquanto as arquibancadas fervilhavam ao redor — vozes sobrepostas, torcidas diversas. Lá em cima, drones-câmera se moviam de forma calculada, emitindo aquele zunido irritante.

Ele ouviu os passos antes de ver o homem.

Ricardo Montemar avançava pelo chão de cimento queimado como quem nunca precisou apressar nada. Pele bronzeada pelo sol escaldante do Rio, bermuda tadel, camisa polo aberta no colarinho — e os óculos juliet com lentes espelhadas extravagante até para Marlon.

— Não se canse demais. — Montemar abriu os braços antes mesmo de chegar perto. — Domingo tem jogo.

O abraço foi rápido, mas firme. Enquanto se soltavam, o homem murmurou:

---

— Os cinco milhões já estão na sua conta. E se perder — sorriu — darei o dobro. Não quero ver meu amigo desanimado com a derrota.

Marlon mal conteve o sorriso. Com aquele extra, basicamente receberia o salário do mês em um único dia. Afastou-se do homem com um aperto de mão camarada.

Então varreu as arquibancadas até encontrar Bianca.

Ela estava na primeira fileira, atrás do gol adversário, com as mãos entrelaçadas no colo e os ombros levemente contraídos. Os olhos dela o encontraram — e carregavam um temor conhecido.

*Pra um homem sem estudos, a greve, é tudo que posso fazer. Quem manda não entende isso ou não se importe de entender.*

A voz do pai atravessou sua mente sem convite. Marlon torceu o nariz.

Ricardo Montemar parou no centro da quadra. Um pequeno drone se posicionou à altura do seu rosto, como um microfone vivo. O silêncio emergiu.

Então ele falou.

— Hoje é o dia tão aguardado. — A voz saiu amplificadora pelos alto-falantes. — Ossos contra metal. Improviso contra perfeição. Homem contra máquina.

A torcida rugiu. Montemar absorveu como combustível.

— Sinto que estou diante de algo importante. — Pausou, o tom baixando um grau — Daqui a alguns anos, imagino um mundo onde robôs farão tudo. E nós? Vamos curtir a vida. Com a família. Amores. Sem trabalho. Sem dificuldades.

O semblante dele cruzou a quadra e pousou em Marlon por um instante. Depois a voz voltou a subir.

— Vamos lá!

O grito rasgou o ar e Ricardo deixou a quadra a passos largos. Marlon curvou a boca diante do discurso.

— Pra um patrão rir, alguém tem que se lascar. — Repetiu a frase paterna sem perceber.

O pai a repetia como mantra desde que se tornara grevista. Havia um amargor permanente nele, os olhos baixos, como se encarasse todos os dias uma guerra impossível de ganhar.

---

A torcida entrou em êxtase quando o adversário surgiu do outro lado da quadra. Um robô humanoide usando uniforme de futsal preto. A pele — feita de malha de tricô cor de pêssego — revestia um rosto quase sem traços, interrompido apenas por dois brilhos frios onde deveriam estar os olhos.

Segundo Ricardo, a máquina simulava um ser humano em força e velocidade, mas executava cada habilidade com perfeição absoluta.

Marlon soltou uma risada curta ao lembrar daquelas palavras. *Perfeição*. A ideia fez uma veia pulsar em sua testa.

Os dois caminharam até o centro, encarando-se de frente. Os holofotes varreram o ginásio em arcos até convergirem sobre eles.

— Chegou a hora! — a voz do narrador ecoou pelas arquibancadas. — Preparem-se pra partida mais épica do ano. Nosso mago Marlon contra o super robô T-Fut!

Um drone pairou acima da área central, a bola presa em várias pernas metálicas.

— As regras são simples: cruzou a área, já pode finalizar. Quem marcar dois primeiro leva. Bora, Marlon!

As arquibancadas vibraram.

Um contador surgiu nos telões. Um silêncio frágil tomou a quadra. Marlon conseguia ouvir a própria respiração.

A sirene soou. A bola despencou entre os dois.

Marlon e T-Fut se chocaram ombro a ombro, disputando espaço, mas o autômato aplicou força suficiente para desequilibrar o carioca, dominou a bola e disparou rumo ao gol.

*Desgraçado.*

Marlon correu atrás. Tentou o desarme duas vezes, mas T-Fut balançou a perna com velocidade — um elástico limpo deixou o brasileiro para trás. Cruzou a linha e chutou.

— Gooooool! — berrou o narrador. — T-Fut toma a dianteira!

Parte da arquibancada vaio outra bateu palmas. Na área vip, Ricardo saltitava como uma criança, satisfeito.

---

Marlon e o autômato retornaram ao centro. O drone elevou a bola antes de soltá-la. Desta vez, o brasileiro venceu a disputa. Amorteceu no peito e trouxe para o pé com naturalidade.

Avançou.

T-Fut apareceu em sua frente. Marlon pedalou, insinuando uma arrancada para um lado, depois para o outro. O robô perdeu o equilíbrio, tropeçou nos próprios pés e caiu.

Marlon cruzou a linha e finalizou com força.

— Gooooool! Do nosso implacável mago! — vibrou o narrador. — Aqui robô não se cria, tem que respeitar!

Bianca mantinha os dedos entrelaçados. Havia esperança nos seus olhos, mesmo cercada pelo cheiro ácido de cerveja e suor. Ela encontrou o olhar de jogador que vibrava e moldou uma única palavra nos lábios:

*Ganhe.*

Marlon observou não só ela, mas os rostos ao redor. O mesmo desespero misturado à esperança que tantas vezes enxergara nos amigos do pai.

Virou-se e caminhou de volta ao centro da quadra.

*Perdi sua infância porque trabalhei demais... e perdi sua adolescência porque tentei trabalhar menos.*

A voz do pai ecoava viva. Marlon quase sentia o cheiro da tangerina descascada naquela última conversa.

*Somos filhos de Deus. Trabalhar assim não é certo — não posso abaixar a cabeça. Nunca imaginei que ia virar jogador. Não queria que você passasse pelo que passei.*

Sua mandíbula se contraiu.

Ele apertou o punho, os dez milhões latejando na mente, lembrando-o de qual era seu verdadeiro objetivo.

Na área VIP, Ricardo inclinou-se para o secretário, que segurava uma tela ultrafina tomada pelos dados do T-Fut.

— Coloca na potência máxima — disse, sem hesitar.

O homem piscou.

— Mas, senhor... Marlon já vai entregar. Vale a pena?

---

Ricardo sorriu de canto.

— Vamos dar um espetáculo. Na potência máxima... — Fez uma pausa breve, já imaginando as postagens. — Sinto pelo Marlon, mas ele precisa sofrer um gol humilhante.

Marlon viu os olhos do autômato acenderem — vermelho agressivo. Uma luz que nunca aprendeu o medo.

Engoliu em seco.

O drone subiu com a bola presa, aguardando o sinal. E naquele segundo suspenso, Marlon fitou um moleque na arquibancada comendo cachorro-quente ao lado do pai. Voltou à pré-adolescência.

Quando o pai chegava em casa com aquele sorriso específico de vitória, e ele já sabia: naquela noite teria pão. Teria molho. Teria salsicha. Teria risadas à mesa.

O gosto de tomate voltou com nitidez. Os olhos marejaram.

A buzina ecoou. A bola foi solta.

Os músculos de Marlon explodiram antes que ele mesmo percebesse. A face se crispou com o esforço, os pés martelando o chão em arrancada.

T-Fut reagiu em resposta, veloz como um predador. Frente a frente, os dois colidiram enquanto a bola quicava solta na quadra. O brasileiro se desvencilhou e chegou primeiro, dominando-a nos pés.

Avançou até a linha lateral com o autômato colado nas costas, as engrenagens do robô rangendo a cada investida.

Bianca acompanhava tudo com o peito apertado.

Conseguia sentir que Marlon estava tentando — via no esforço da postura, na intensidade dos passos — mas o T-Fut estava diferente. Explosivo, dominante, como se os primeiros segundos tivessem sido apenas calibração e agora estava em plena potência.

Os olhos dela foram para outro lugar.

As cordas do violino, o movimento suave do arco. A plateia vibrando. O olhar brilhante dos fãs. As crianças que ensinava. Ela não queria abrir mão daquilo. Não podia.

A mandíbula tensou.

— Você consegue! Marlon! — gritou, a voz saindo mais alta do que planejava.

---

Em volta, cabeças giraram na direção dela — olhares arregalados, quase saltando das faces.

Alguém respondeu:

— É isso aí, vai Marlon!

— Você jogou no Mengão, não vai perder em! — veio de outro canto.

E depois, como uma onda quebrando de uma só vez, um grito unívoco tomou a arena:

— Marlon! Marlon! Marlon!

A vibração entrou pelo chão, subiu pelos pés de Marlon espalhando como calor. Num lampejo, ele tocou a bola para trás, por baixo das pernas do adversário, girou o corpo inteiro e avançou, saindo em disparada com ela nos pés.

O T-Fut o perseguiu como uma locomotiva enlouquecida — sem perda de passo, os circuitos respondendo em fração de segundo.

Quando os dois cruzaram a linha da área, Marlon franziu a testa, concentrou tudo o que tinha no corpo e chutou com força total.

O robô se jogou no carrinho. O tempo desacelerou — a bola estufou as redes e a torcida explodiu.

Marlon sentiu a euforia inflamar o sangue. Arrancou a camisa, girou-a no ar, e o sorriso foi crescendo enquanto seus olhos encontravam Bianca toda radiante, com as covinhas à mostra.

*Meus dez milhões.*

A realidade caiu sobre ele como um balde d'água gelada.

Fitou Ricardo à distância. O homem o ignorava solenemente — envolto numa conversa animada com o secretário, já arquitetando mentalmente a postagem de agradecimento a Marlon pela participação e à equipe pelo desempenho do T-fut "protótipo", como se tudo tivesse corrido exatamente conforme o planejado.

Apesar disso a irritação dele era visível, latejando nas têmporas como uma veia prestes a romper.

Marlon soltou o ar, aliviado por ter chutado.

---

---